

Editorial

Editorial

A academia está sob ataque no Brasil e no mundo. As chamadas ciências humanas, nome que desde a nossa perspectiva não faz sentido já que nenhuma ciência é ciência sem o componente humano, sofrem mais do que quaisquer outras com o atual escrutínio a que o conhecimento científico se subjeta. Nossa sociedade se deixa seduzir pelo novo, pelo tecnológico, mas não consegue enxergar o valor e o papel que uma educação de qualidade, que o desenvolvimento de um pensamento crítico, dos livros, das bibliotecas, dos professores e professoras, das bolsas de pesquisa, ou seja, do sistema acadêmico como um todo tem no desenvolvimento dessa mesma tecnologia. Não, não é ridículo apesar do que as inúmeras piadas em redes sociais podem querer fazer pensar que ainda hoje tenhamos que discutir sobre a importância das vacinas ou explicar como e porque a terra não pode ser plana. É triste. E a culpa é, em parte, da própria academia, das próprias ciências humanas. Produzimos conhecimentos que muitas vezes se encerram em um ciclo vicioso de leituras, releituras e citações de autores e autoras, que ao se converterem em medalhões e em leituras “obrigatórias” terminam por aprisionar esse saber dentro de suas disciplinas específicas ao criarem termos técnicos que excluem. Se faz necessário investir na interdisciplinaridade para diminuir essas distâncias que existem entre os saberes acadêmicos e entre esses saberes e a sociedade como um todo.

As ciências cognitivas são um campo de estudos interdisciplinar que incluem filosofia, psicologia, inteligência artificial, neurociência, linguística, antropologia, biologia, e, nos últimos 30 anos a literatura, além de quaisquer outras áreas que busquem discutir o funcionamento do cérebro/mente, incluindo pensamentos, ideias, sonhos, consciência, funções motoras etc. Sua origem retoma 1950, quando diversos pesquisadores começaram a desenvolver teorias da mente baseando-se em representações complexas e procedimentos computacionais. Sua origem organizacional começa ao redor de 1970 quando a Sociedade de Ciência Cognitiva foi fundada e a revista de ciência cognitiva começou a ser publicada. A metáfora do cérebro como um computador foi abandonada depois de uma série de discussões filosóficas que levaram a avanços neurocientíficos em que se constataram a impossibilidade de cognição sem corpo - o que há impossibilitado o avanço dos estudos sobre as inteligências artificiais, já que computadores não criam nada, apenas reproduzem as inteligências dos cientistas por trás deles. Seres humanos pensam da maneira que pensam porque possuem corpos, corpo esse fruto de um processo evolutivo, e nenhum tipo de conhecimento se produz fora dessa corporalidade. Pensamos o mundo desde nossos corpos e interagimos, uns com os outros e com nosso entorno, desde a perspectiva desses mesmos corpos. E os textos da seção “Dossiê” deste volume 39 da revista Contexto é inaugural porque se trata da primeira coletânea de textos publicada no Brasil em que se trabalham exclusivamente diferentes perspectivas aplicadas à literatura usando a cognição incorporada, também chamada corporificada, como instrumento de análise.

Começamos com Bruno Cezario e Lilian Ferrari discutindo o papel dos evidenciais na narrativa oral da língua Wa'ikhana a partir da Linguística Cognitiva. A língua Wa'ikhana é uma língua da família Tukano Oriental, falada na região do Alto Rio Negro, no Brasil e na Colômbia. Nesse artigo Cezario e Ferrari, além de contribuírem para o campo dessa língua ainda tão pouco estudada, discutem um conceito chave para as ciências cognitivas: os “espaços mentais”. Esses espaços são construções virtuais de cenários percebidos,

imaginados ou lembrados, processos cognitivos que não se diferenciam neurologicamente segundo Antonio Damasio, em que todas as narrativas se desenvolvem. De modo que os autores desenvolvem sua análise a partir da discussão sobre como a construção desses espaços mentais ocorre dentro da narrativa oral Wa'ikhana.

Depois passamos ao artigo de Thiago da Cunha Nascimento e Fernanda Roque Amendoeira sobre o “O conto dos três irmãos”, de J. K. Rowling. Nesse artigo os autores discutem conceitos como metáforas conceituais, mais especificamente a metáfora “A MORTE É HUMANA” a cognição incorporada/corporificada como um todo, e a importância de enquadramentos/frames. As metáforas conceituais são abordadas segundo a perspectiva de Lakoff e Johnson e sua relação com a cognição incorporada é de que as primeiras nascem da experiência corporal. Já os frames são importantes porque determinam a perspectiva com que se olha, literalmente ou metaforicamente, para algo. Cunha e Amendoeira trabalham de forma qualitativa usando 17 leitores reais e suas próprias percepções do personagem morte.

7

Next we have, quer dizer, em seguida temos um artigo em inglês de Akos Farkas sobre Eyeless in Gaza de Aldous Huxley. Nesse artigo Farkas mostra como, para ele, o romance de Huxley é um armazém de referências científicas e de pistas neurológicas e psicológicas que ele explora ao longo do artigo. Além disso, faz várias comparações com outras obras clássicas da literatura mostrando em que o conto de Huxley é diferente das mesmas no que toca a esses aspectos cognitivos. A principal comparação é entre Proust, a quem ele chama de “neurocientista do belo” e Huxley, o “cientista cognitivo do bem”. Farkas faz uso principalmente de dois teóricos das ciências cognitivas, Patrick Colm-Hogan e Lisa Zunshine, que são referência no que toca a sua aplicação à Literatura. Farkas os utiliza para construir um frame em que discute as emoções dos personagens no texto bem como sua corporalidade - principalmente o sentido do Olfato.

O próximo artigo é de Pedro Dolabela Chagas e Miriany Litka Guimarães. Nesse texto eles investigam como os valores morais se sugerem aos leitores na prosa de ficção, usando *Vidas secas* como exemplo ilustrativo de seu frame teórico, sem que esses valores sejam enunciados demasiadamente na narração. Para tanto, usam elementos da psicologia moral, da pragmática, da narratologia, e da psicologia evolutiva, ponto em que se inserem mais diretamente nas discussões das ciências cognitivas. Discutem os seis matizes de juízo moral, cuidado-dano, equidade-trapaça, lealdade-traição, autoridade-subversão, santidade-degradação e liberdade-opressão (Chagas e Guimarães acabam destacando “cuidado-dano” e “liberdade-opressão” ao analisar o texto de Graciliano) e como esses valores determinam o comportamento humano, seja por meio da coação ou da autocoação, mais efetiva.

Deixamos Graciliano e a discussão sobre moralidade dentro da ciência cognitiva para trás e passamos ao artigo sobre Borges e identidade de Ivete Lara Camargos Walty e Juliane Ferraz Oliveira em que analisam o processo de construção do eu/self como estratégia de construção de significações do texto literário. Nesse trabalho elas discutem um aspecto revolucionário das ciências cognitivas: a possibilidade de falar das personagens como se elas fossem pessoas reais. Como dizem as autoras a literatura “permite a percepção de encenações de fluxos” de consciência de maneira privilegiada. Esse ponto é importante porque mostra como o estudo da literatura contribui para os estudos cognitivos: oferecemos livre acesso à análise de pensamentos de personagens, autores, e leitores, nós mesmo os críticos e críticas da literatura. Não estamos propondo que o estudo de literatura seja subserviente à teoria, mas que de forma sistemática e constante a literatura possa modificar e acrescentar à essa mesma teoria por proporcionar um espaço constante de diálogo sobre processos cognitivos.

Com o artigo de Joana Souto Guimarães Araújo voltamos às metáforas conceituais, mais especificamente ao “muro” e à metáfora do container, esta bastante trabalhada por Georges Lakoff e Mark Johnson em seu livro *Metaphors We Live By*, metáforas que pautam nossas vidas, que se refere às limitações, os limites do corpo, e aos confinamentos imaginários ao falar-se, ou pensar-se, em

“entrar” em uma cidade ou país, por exemplo. De maneira que Araújo discute como o “muro” funciona em Cesário Verde, Raul Brandão e Fernando Pessoa como alegoria dessa dificuldade da formação da subjetividade.

Em seu artigo Felipe Fiuza e Rosana Carvalho Dias Valtão buscam repensar a leitura do conto “Sequência”, de João Guimarães Rosa, a partir da cognição incorporada como um todo, retomando conceitos também trabalhados pelos outros artigos, como frames, metáforas conceituais e conceptual blending, mistura conceitual, mas enfocando-se também na teoria da mente. A teoria da mente, também chamada leitura da mente, é fundamental porque permite falar sobre o que não está escrito: imaginar aquilo que determinadas personagens, por exemplo Capitu ou Diadorim, podem estar pensando em determinadas situações em que suas falas ou seus fluxos de consciência não se revelam ao leitor. No artigo em questão a proposta é repensar o processo cognitivo humano por meio da análise do, e em oposição ao, processo cognitivo da vaca personagem do conto. Ao fazer isso acaba-se por, como todos os trabalhos aqui incluídos, contribuir de maneira inovadora à crítica do texto analisado e de seu autor.

Terminamos o nosso Dossiê com Sabrina Gabriela Vicentini e Sandra Maria S. Cavalcante em instigante artigo sobre o filme *Joker* (2019) em que se volta a discutir o processo de formação da identidade das personagens e a teoria da integração conceitual, outra vez o blending, que também apareceu no primeiro artigo da coletânea em que se discutiam os espaços mentais. Vicentini e Cavalcante falam, agora, de como o blending tem papel fundamental na construção cognitiva da “ideia do eu” e da “ideia do outro”, termos originalmente discutidos por Mark Turner.

Na seção Clipe há textos sobre uma diversa gama de autores que são examinados por meio de perspectivas também variadas. Há aqueles que também trabalham com perspectivas interdisciplinares inclusive com diferentes mídias, por exemplo comparando poemas oitocentistas com textos do Instagram, e aqueles que trabalham com autores clássicos Hamlet, Machado de

Assis, Proust, Jorge de Lima, João Cabral de Melo neto, Dante, de forma comparativa. Há, ainda, textos sobre autores específicos de épocas e contextos também específicos, Gomes Eanes de Zurara e Friedrich Schlegel, e textos sobre autores contemporâneos, Milton Hatoum, Livia Natália e Marco Aurélio Cremasco. Todos os textos, sem exceção, contribuem para o enriquecimento da fortuna crítica dos autores a que se propõem analisar.

Vale lembrar que também compõe este número da revista Contexto duas traduções de textos de autores que já vêm aplicando as teorias das ciências cognitivas à literatura há quase duas décadas, Lisa Zunshine e Howard Mancing. Zunshine possui um enfoque na literatura britânica, principalmente em Jane Austen, mas usa exemplos da literatura mundial; enquanto Mancing se foca na literatura ibérica, principalmente no Quixote. Essas traduções enriquecem este número que, esperamos, fomentará muitos outros estudos interdisciplinares de literatura, sejam eles outra vez com enfoque nas ciências cognitivas, sejam com qualquer outro enfoque que busque destacar o papel e a importância das humanidades dentro do universo acadêmico e dentro da nossa sociedade como um todo ao estabelecer diálogos com outros saberes de maneira acessível e didática. E fora, fora, fora com o anti-academicismo. E boa leitura.

Felipe Fiuza
(East Tennessee State University - ETSU)

Paulo Dutra
(University of New Mexico - UNM)

Sérgio da Fonseca Amaral
(Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes)